

Ceará, uma esperança no Nordeste

por Jim Rohwer
do The Economist
Ser pobre não é um obstáculo para ser bem governado.

O Ceará é um pequeno estado no litoral do Nordeste brasileiro, um dos mais pobres do País; os rendimentos dos seus 6,5 milhões de habitantes equivalem a apenas uma terça parte mais ou menos da média nacional. Ele era tão mal governado quanto qualquer outro lugar do Brasil até 1986, quando os três "coronéis" do estado (nome dado aos barões feudais do Nordeste) não conseguiram concordar na escolha de um candidato para governador. Por causa do impasse entre eles, um dissidente conseguiu o cargo de governador: Tasso Jereissati, na época com 36 anos de idade, um empresário de ascendência libanesa, que atualmente chefia o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB). Desde então, o Ceará gozou da maior de todas as raridades brasileiras: um bom governo.

Os anos de patronagem tinham deixado o Ceará em ruínas. As estradas eram esburacadas, as escolas e os hospitais estavam caindo aos pedaços, bebês morriam mais rapidamente do que em qualquer outro lugar do Brasil (95 em cada mil antes de completarem um ano de idade). A folha de pagamentos do governo, no entanto, estava explodindo. Quando Jereissati assumiu, as receitas fiscais totais do Ceará cobriam apenas 70% dos gastos com a folha de pagamento.

Não era de espantar. Milhares de funcionários públicos, todos eles protegidos por poderosos políticos, estavam recebendo mais do que um cheque de pagamento (alguns estavam recebendo até dez salários diferentes); 7 mil outros estavam, teoricamente, transferidos para outros serviços, se bem que nunca apareciam para realizar os seus trabalhos no governo. Numa ocasião, num período de 48 horas, milhares de pessoas foram acrescentadas sem qualquer concurso às folhas de pagamento do serviço civil a pedido dos políticos locais.



Tasso Jereissati

Jereissati começou demitindo gente: 40 mil dos 152 mil funcionários públicos do Ceará. Ou melhor, ele cancelou esse total de cheques de pagamentos; é difícil saber quantas pessoas eles representavam. Os funcionários transferidos receberam um prazo de 30 dias para se apresentarem, caso contrário perderiam seus empregos. Funcionários do governo foram obrigados a marcar o ponto pela manhã, no horário do almoço e à noite (será que alguém na Itália está lendo este texto?). A quantidade de departamentos do governo foi reduzida em nove; 1,5 mil categorias de trabalho foram eliminadas. Os 250 jornalistas da secretaria da imprensa, por exemplo, foram demitidos, apesar das vigorosas reclamações de que uma "guerra de classe" estaria sendo travada contra eles. Em seis meses, Jereissati reduziu os gastos correntes do governo em 28%.

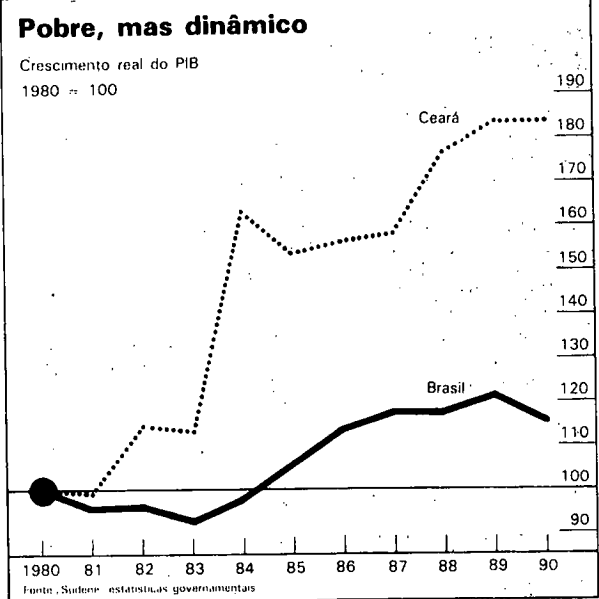
Empresas pertencentes ao governo foram fechadas ou vendidas. Os apadrinhados políticos foram afastados das empresas de água e de eletricidade e do banco pertencente ao estado — que, numa situação quase única no Brasil, está agora solvente. Jereissati também colocou profissionais a cargo da administração fiscal, que foi então computadorizada. A coleta de impostos aumentou. Em Fortaleza, a capital do estado, onde um jovem "protégé" de Jereissati, chamado Ciro Gomes, era prefeito, uma reforma na coleta do imposto territorial aumentou a re-

ceita da cidade em 3.600%. Ciro Gomes, atualmente com 33 anos de idade, é o governador do Ceará desde março deste ano. Em cada um dos seus seis primeiros meses como governador — num fato espantoso no Brasil neste ano de colapso nas receitas fiscais — a receita fiscal real do Ceará tem aumentado.

O mesmo também ocorreu com os gastos reais — e eles foram usados para serviços de melhor qualidade. Ciro Gomes diz que 40% dos gastos estaduais de US\$ 60 milhões por mês neste ano serão destinados a despesas com pessoal (a menor proporção entre todos os estados); outros consumos receberão 8%, o serviço da dívida, 10% (compare-se isto com quase 40% no caso do governo federal), incentivos para investimentos industriais, 6%, e gastos de capital, 36% — a maior parcela de qualquer orçamento governamental no Brasil. A maior parte dos investimentos está sendo encaminhada para a educação: a reforma de 615 escolas e a compra de carteiras, televisores e outros equipamentos para elas. O restante é para esgotos, represas, trabalhos de irrigação e estradas.

Por causa do controle eficiente sobre os procedimentos de licitação (ou seja, não ocorrem subornos e não se depende das empresas de construção — como ocorre no restante do Brasil —, que são confiáveis compradoras de títulos do governo), as estradas estão sendo construídas no Ceará por US\$ 75 mil a 125 mil por quilômetro. Isto equivale a aproximadamente uma quarta parte dos custos da construção rodoviária no restante do Brasil.

Nem todos os bens públicos são tão dispendiosos assim. O orgulho da administração de Tasso Jereissati era um programa modelado segundo o esquema chinês dos "médicos descalços". O programa treinava moradores locais nos conhecimentos básicos de puericultura (por exemplo, como impedir mortes por desidratação causada pela diarreia) e os enviava como funcionários do governo em



tempo integral, recebendo salário mínimo para visitarem regularmente 250 moradias pobres nas cidades ou 100 na região rural. O programa, elaborado e administrado sem ajuda estrangeira e pago inteiramente pelo orçamento do Estado do Ceará, reduziu o índice de mortalidade infantil no estado em 32% no decorrer de três anos. A Unicef considera o programa um modelo para os cuidados de puericultura em países pobres. Um programa de vacinação realizado durante este mesmo período transformou o Ceará do estado brasileiro menos protegido contra a poliomielite e outras doenças no que tem a terceira melhor proteção.

Ciro Gomes adotou a educação como o principal objetivo para novas reformas. O aluno médio do curso primário passa apenas quatro horas por dia nas salas de aula; 40% da população adulta é analfabeta. Ciro Gomes aumentou os salários dos professores em 36% (termos reais) neste ano. Ele tem planos para duplicá-los — mas em troca, ele quer o poder de testar os professores em cursos públicos e de demitir todos os que não forem aprovados. O Sindicato dos Professores e a Constituição brasileira estão frustrando esta meta, mas ele

continua com muitas esperanças. De uma maneira geral, ele acha que o governo do Ceará necessita de um total de 85 mil funcionários públicos, bem menos do que os atuais 106 mil. Este total pretendido seria pouco mais da metade dos contratados na folha de pagamento quando Tasso Jereissati entrou em cena, há seis anos.

Quando o governo de Jereissati começou, o seu partido tinha 30 das 46 cadeiras do Legislativo estadual. No final do mandato, ele disputava apenas seis. Os demais o tinham abandonado, furiosos por causa das vantagens de que ele os tinha privado. Políticos experientes o alertaram para o fato de que ele jamais seria eleito para qualquer cargo no Ceará.

Em 1990, quando o seu sucessor estava sendo eleito, Tasso Jereissati tinha uma aprovação de 70% da opinião pública cearense; ele foi o mais popular de todos os governadores do Brasil em fim de mandato. O Ceará foi o único estado neste ano no qual o partido do governo conseguiu eleger seu sucessor na primeira rodada eleitoral. O PSDB também conquistou a cadeira no Senado e uma maioria das cadeiras dos deputados federais cearenses. Praticamente todos os que abandonaram Jereissati na Assembleia estadual perderam suas cadeiras; o PSDB tem agora uma maioria de quase dois terços nessa assembleia. Ao vencer a eleição no ano passado, Ciro Gomes conseguiu uma maioria em cada um dos 3,7 mil locais de votação de Fortaleza — tanto nos agradáveis bairros litorâneos quanto nas favelas que sobem pelas encostas.

A lição que Tasso Jereissati extrai disso tudo é que a reforma não é apenas popular — "porque a massa dos pobres reunidos enxerga as coisas melhor do que as elites" —, mas também possível. Para superar a oposição dos interesses especiais no Legislativo, é preciso que se tenha ou apoio político ou popularidade. Ele não tinha o apoio (sua maioria no Legislativo evaporou-se rapidamente), mas a sua popularidade no estado de uma maneira geral conseguiu fazer com que levasse o seu programa adiante da mesma forma. Em última análise, "a reforma é simples, mas ela não é fácil". Ela envolve a necessidade de se dizer constantemente não ao povo — geralmente, num lugar tão pequeno quanto o Estado do Ceará, estas são as mesmas pessoas com as quais se mantêm contatos sociais. Durante alguns anos, frequentar clubes e ir a festas foram algo muito desconfortável para Tasso Jereissati, porque muitas das pessoas que ele encontraria nestes lugares eram justamente as pessoas que ele tinha demitido. Um político reformista precisa trair a classe política (este, aliás, é outro dos motivos pelos quais o presidente Salinas do México teve sucesso).

Outros estados brasileiros também estão começando a se destacar pela boa administração: Paraná e Santa Catarina, ricos estados agrícolas do Sul do País; até mesmo o novo governo de São Paulo. Nenhum destes exemplos — e certamente não o exemplo do Ceará, cujos ambientes políticos são pequenos, simples e ainda possuem bases familiares — oferece um esquema a ser adotado pelo restante do Brasil. Mas o Ceará mostra do que consiste um bom governo e quão espetaculares os seus efeitos podem ser. O que aconteceria com a economia se o Brasil começasse a gozar disso como um todo?

(Esta é a terceira parte do relatório publicado pela The Economist sobre a economia brasileira. A primeira e a segunda foram publicadas, respectivamente, nas edições de terça e quarta-feira. A edição de amanhã, trará a última parte do relatório, tratando do Brasil como opção de investimentos).